

Prova de Língua Portuguesa
(Acesso aos cursos de mestrado profissionalizante)
2.ª chamada

DURAÇÃO DA PROVA

2h30m (mais 30 minutos de tolerância)

ESTRUTURA DA PROVA

A prova encontra-se organizada em duas partes distintas:

- I. Leitura
- II. Escrita

A prova deve ser resolvida nas folhas de resposta que lhe vão ser fornecidas. Responda a cada questão no local previsto para o efeito.

A prova é realizada de acordo com a grafia prevista no novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

I. LEITURA

Leia atentamente o seguinte texto:

Está lá?

Quando telefonávamos a alguém para um telefone fixo, era normal perguntar “está lá?”, mesmo sabendo que, de facto, isso acontecia, pois alguém atendia daquele lugar a nossa chamada. Com a proliferação dos telemóveis, deixámos de recorrer ao retórico “está lá?” e a pergunta mais frequente passou a ser “onde estás?”. Aconteceu-nos a todos uma
5 desterritorialização, que não é só linguística, nem tecnológica. Deixámos de “estar” e também de “saber estar”. Vamos estando, flutuantes, esporádicos, desancorados e vagos.

Sentimo-nos obrigados a viver sete vidas num dia só, andamos ansiosos, como que desencontrados. Tornámo-nos uma geração de insones. Desconhecemos o que seja uma habitação serena do tempo. Desde os horários dilatados de trabalho, às solicitações para uma
10 comunicação praticamente ininterrupta, entrámos num ciclo sôfrego de atenção, atividade e consumo. “Despacha-te, despacha-te” é o comando de uma voz que nos aprisiona e cujo rosto não vemos, nunca vemos. “Vai para aqui, vai para ali”. Vamos para onde? Se tivéssemos de explicar as razões profundas dos nossos tráficos em vertigem, da nossa aceleração em flecha, da repartição permanente por experiências diferentes, nem saberíamos o que dizer. E também
15 disso, desse vazio de respostas, preferimos fugir.

O tempo mais difícil de habitar é o presente. Não é o passado. O passado é, em grande medida, um tempo confortável, mesmo quando nos esmaga. No fundo, provoca-nos o alívio que o miúdo com medo de cães sente ao descobrir que aquele que começou a ladrar, mesmo
20 junto a ele, afinal está amarrado. O passado está num lugar certo, mesmo se nos espanta de tão completamente errado. Coisa igual podemos dizer do futuro. Embora nos pese toda a indefinição ou os maus prognósticos, conservamos em relação a ele uma expectativa que nunca é completamente fechada. Quem sabe? – insistimos nós. Mas do presente, da pressão do presente, da sua irrefutável factualidade desatamos facilmente a escapar.

A sabedoria grega (que a todos, de uma maneira ou de outra, nos forma) representa a
25 experiência do tempo pelo mito de Cronos, esse deus implacável que come os próprios filhos! E muitas vezes é essa experiência de desgaste, de devoração, essa experiência inexorável de perda que vivenciamos. Nas nossas vidas, deixou de haver espaço para o presente, porque sentimos o tempo como uma deglutição infinita que nos consome. Verdadeiramente, só nos apercebemos do tempo quando ele passou, tal como nos apercebemos do que são as coisas
30 quando elas já não são. Mas mesmo os gregos consideravam que o “cronos” não esgota todas as possibilidades do tempo, pois empregavam, a par dessa, uma outra designação: “kairos”, isto é, o tempo como oportunidade. Penso que a nossa vida está muito entre estas duas categorias: o “cronos”, esse tempo que nos devora, e o “kairos”, esse tempo interno que nos diz: é agora,

35 pode ser agora; é aqui, pode ser aqui. Aceitaremos o presente quando compreendermos que este tempo frágil, árido, movediço, inacabado e vertiginoso é atravessado por uma outra possibilidade de entender o tempo. Talvez seja preciso aprendermos a desaprender para nos aproximarmos daquilo que Pessoa escreveu, à maneira de um mapa: “A espantosa realidade das coisas/ É a minha descoberta de todos os dias./ Cada coisa é o que é,/ E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,/ E quanto isso me basta.”.

Mendonça, J. T. (2013, 28 de dezembro). Está lá? *Expresso – Revista*, p. 12.
(texto adaptado)

Tendo por base o texto que acabou de ler, responda às questões que se seguem.

1. De entre as opções apresentadas de (A) a (E), selecione o parágrafo que, de acordo com o sentido do texto, poderia constituir a sua conclusão.

Na folha de resposta, coloque a letra que identifica a opção escolhida.

(A) Assim, o modo mais ambicioso de viver o presente é pensar nele como um futuro que nos deslumbra e simultaneamente liberta.

(B) Por isso, a gestão do tempo é uma aprendizagem que, como indivíduos e como sociedade, precisamos fazer.

(C) Só a capacidade de nos maravilharmos perante a novidade do instante permitirá reencontrarmo-nos com o tempo presente.

(D) Deste modo, as procuras e aquisições fundamentais da vida pedem-nos uma disponibilidade não só para o que o presente torna já nítido, mas também para aquilo que só o futuro poderá entreabrir e esclarecer.

(E) Neste sentido, os modos da existência contemplativa foram despojados da sua áurea e só a vida ativa é considerada legítima.

2. Classifique como V (verdadeiras) ou F (falsas) as afirmações abaixo apresentadas.

Na folha de resposta, coloque V ou F a seguir ao número correspondente a cada alínea.

2.1. As perguntas que iniciam os nossos contactos telefónicos são sintomáticas do modo como vivemos.

2.2. As solicitações do quotidiano revelam o vazio das nossas vidas.

2.3. A segurança relativamente ao passado e a expectativa do futuro levam-nos a rezear o presente.

2.4. Habitaremos o presente quando o entendermos como o tempo da oportunidade.

3. Transcreva do texto para a folha de resposta a palavra/expressão para a qual remete cada uma das seguintes palavras:

3.1. *cujo* (L11)

3.2. *ele* (L21)

3.3. *sua* (L23)

3.4. *que* (L28)

4. De entre as opções apresentadas, selecione a opção correta de acordo com o sentido que cada palavra tem no texto.

Na folha de resposta, coloque a letra que identifica a opção escolhida a seguir ao número correspondente a cada alínea.

4.1. *proliferação* (L03) é sinónimo de:

- (A) moda
- (B) criação
- (C) multiplicação
- (D) dependência

4.2. *sôfrego* (L10) é sinónimo de:

- (A) infernal
- (B) ávido
- (C) desenfreado
- (D) vertiginoso

4.3. *irrefutável* (L23) é sinónimo de:

- (A) incontestável
- (B) irremediável
- (C) inevitável
- (D) incomparável

4.4. *mapa* (L37) é sinónimo de:

- (A) aviso
- (B) princípio
- (C) dogma
- (D) guia

5. De entre as opções apresentadas, selecione a opção correta de acordo com a questão colocada em cada alínea.

Na folha de resposta, coloque a letra que identifica a opção escolhida a seguir ao número correspondente a cada alínea.

5.1.

Com a proliferação dos telemóveis, deixámos de recorrer ao retórico “está lá?” e a pergunta mais frequente passou a ser “onde estás?”. (L03-04)

A alteração de comportamento descrita no excerto acima transcrito é apresentada como:

- (A) um efeito da proliferação dos telemóveis.
- (B) uma condição para a proliferação dos telemóveis.
- (C) uma causa da proliferação dos telemóveis.
- (D) uma alternativa à proliferação dos telemóveis.

5.2.

O passado é, em grande medida, um tempo confortável, mesmo quando nos esmaga. No fundo, provoca-nos o alívio que o miúdo com medo de cães sente ao descobrir que aquele que começou a ladrar, mesmo junto a ele, afinal está amarrado. O passado está num lugar certo, mesmo se nos espaventa de tão completamente errado. (L16-20)

No excerto acima transcrito, o alívio da criança perante o cão amarrado:

- (A) é comparado ao modo como encaramos o passado
- (B) é um exemplo do modo como encaramos o passado
- (C) é uma concretização do modo como encaramos o passado
- (D) é um comentário ao modo como encaramos o passado

5.3.

Se tivéssemos de explicar as razões profundas dos nossos tráficos em vertigem, da nossa aceleração em flecha, da repartição permanente por experiências diferentes, nem saberíamos o que dizer. (L12-14)

A relação entre as ideias do excerto acima transcrito poderia ser expressa da seguinte forma:

- (A) A não ser que tivéssemos de explicar as razões profundas dos nossos tráficos em vertigem, da nossa aceleração em flecha, da repartição permanente por experiências diferentes, nem saberíamos o que dizer.
- (B) Nem saberíamos o que dizer, caso tivéssemos de explicar as razões profundas dos nossos tráficos em vertigem, da nossa aceleração em flecha, da repartição permanente por experiências diferentes.
- (C) Nem saberíamos o que dizer, ainda que tivéssemos de explicar as razões profundas dos nossos tráficos em vertigem, da nossa aceleração em flecha, da repartição permanente por experiências diferentes.
- (D) Por mais que tivéssemos de explicar as razões profundas dos nossos tráficos em vertigem, da nossa aceleração em flecha, da repartição permanente por experiências diferentes, nem saberíamos o que dizer.

5.4.

A sabedoria grega (que a todos, de uma maneira ou de outra, nos forma) representa a experiência do tempo pelo mito de Cronos, esse deus implacável que come os próprios filhos! E muitas vezes é essa experiência de desgaste, de devoração, essa experiência inexorável de perda que vivenciamos. _____ Nas nossas vidas, deixou de haver espaço para o presente, porque sentimos o tempo como uma deglutição infinita que nos consome. Verdadeiramente, só nos apercebemos do tempo quando ele passou, tal como nos apercebemos do que são as coisas quando elas já não são. (L24-30)

No excerto acima transcrito, poder-se-ia inserir, no local indicado, a expressão:

- (A) Além do mais
- (B) Por outro lado
- (C) De facto
- (D) Porém

II. ESCRITA

1. Em 2014, o Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais (GEPAC) da Secretaria de Estado da Cultura divulgou o relatório *Criação de instrumentos financeiros para financiamento do investimento na cultura, património e indústrias culturais e criativas*. Integravam a publicação as tabelas abaixo apresentadas:

Tabela 1
Dotações orçamentais de 2010 a 2012

	2010	2011	2012
Orçamento do Estado – Total ^a	184 579 551	209 657 064	223 761 742
Orçamento do Ministério/Secretaria de Estado da Cultura ^a	243 504	239 775	165 009
Percentagem do orçamento do Estado atribuída ao Ministério/Secretaria de Estado da Cultura	0,13%	0,11%	0,07%

Nota. Adaptado de GEPAC (2014, p. 78).

^a Unidade: mil euros.

Tabela 2
Apoios financeiros públicos concedidos pelo Fundo de Fomento Cultural entre 2010 e 2012 – por domínio

Domínio	Média anual ^a 2010-2012	%
Criação artística	4133	16,6%
Património cultural	16125	64,7%
Indústrias culturais	4469	17,9%
Indústrias criativas	184	0,7%
Total	24911	100%

Nota. Adaptado de GEPAC (2014, p. 89).

^a Unidade: mil euros.

Tabela 3
Investimento privado em arte e cultura entre 2010 e 2012 – por domínio

Domínio	Média anual ^a 2010-2012	%
Criação artística	3341	8%
Património cultural	16767	40,4%
Indústrias culturais	21067	50,7%
Indústrias criativas	355	0,9%
Total	41531	100%

Nota. Adaptado de GEPAC (2014, p. 99).

^a Unidade: mil euros.

- 1.1. Redija uma exposição em que descreva os dados mais relevantes das tabelas acima apresentadas. O texto deve ter uma extensão de cerca de 150 palavras¹.

¹ Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, incluindo sequências que integrem elementos ligados por hífen e números que sejam constituídos por mais de um algarismo (exemplos: *dar-me-á* e *2015*).

2. Nos últimos anos, tem sido recorrente a reivindicação de um maior investimento do Estado na política cultural do país. Neste âmbito, várias personalidades da esfera cultural portuguesa subscreveram, em 2009, o manifesto *Por uma cultura para o século XXI*, em que se pode ler o seguinte:

A cultura não é decoração ou ornamento. É produção de saber e de sentido, é formação da percepção e da sensibilidade, é a condição e o resultado da educação. É ao mesmo tempo um penhor do passado, uma via para o futuro e um diálogo entre todos os tempos. É fator de dinamização e de coesão social. É aquilo que estrutura os valores e a identidade nacional – uma identidade que é necessariamente forjada no contacto, por vezes até no conflito, com outras identidades e que tem, portanto, de ser permanentemente reinventada.

Não cabe ao mercado suprir as funções do Estado. Sem uma intervenção responsável do Estado, que seja simultaneamente estrutural e estratégica, não pode existir uma política cultural digna desse nome: a defesa do património, o apoio à criação e à internacionalização, a garantia da diversidade, o direito à plena fruição cultural não podem ser deixados ao sabor das flutuações ou constrangimentos do mercado. E, sobretudo, não podem confundir-se os produtos do mercado com a salvaguarda e dinamização de uma cultura identitária e criativa. Sem uma estratégia para a cultura, não há uma estratégia para o país.

Manifesto – Por uma cultura para o século XXI. (2009, 3 de julho). *Uma cultura para o século XXI* [blogue]. Consultado em <http://umaculturaparaoseculoxxi.blogspot.pt/> (texto adaptado)

- 2.1. Partindo do excerto acima apresentado, elabore um artigo de opinião em que explicita a sua posição face à ideia de que o financiamento da cultura deve ser maioritariamente assumido pelo Estado, independentemente das flutuações do mercado ou das contribuições do setor privado. O texto deve ter uma extensão de cerca de 350 palavras².

² Ver nota de rodapé anterior.

COTAÇÕES

(Escala de 0 a 200 pontos)

Grupo I – Leitura (80 pontos)

Questões	Cotação
1.	16 pontos
2.	16 pontos
3.	16 pontos
4.	16 pontos
5.	16 pontos

Grupo II – Escrita (120 pontos)

Questões	Cotação
1.	40 pontos
2.	80 pontos